



Crise financeira testa o vigor da União Monetária

Desde há mais de um ano e meio, Agosto de 2007, que a União Económica e Monetária (UEM) tem sido fortemente pressionada pela actual crise financeira internacional. No entanto, e até ao momento, a UEM tem reagido bem melhor do que aquilo que muitos dos seus críticos esperariam.

O lançamento do Euro – a resposta da Europa à globalização – eliminou os riscos cambiais dentro do espaço europeu, assim como os riscos económicos e relacionados com o crescimento, daí decorrentes. Não é muito difícil imaginar como teria sido difícil gerir a actual crise sem uma união monetária, com 15 moedas nacionais e com um marco alemão dominante. O mais provável, tal como sucedeu em 1992/93 e 1995, seria ocorrer uma apreciação do marco “vis-a-vis” as moedas dos principais parceiros comerciais europeus da Alemanha. A competitividade alemã seria afectada e, muito provavelmente, os seus parceiros comerciais não teriam alternativa senão subir as suas taxas de juro.

Alguns países do Leste Europeu, membros da União Europeia e não integrantes da Zona Euro – são exemplos paradigmáticos daquilo que a generalidade dos países europeus estaria actualmente a enfrentar caso ainda não existisse a UEM, ou seja, um padrão em tudo semelhante ao acima descrito. Os países recentemente chegados à União Europeia que, por opção própria ou porque simplesmente ainda não conseguiram cumprir os critérios de convergência, estão agora a sentir as desvantagens de ainda terem uma política monetária autónoma. É, portanto, natural que nesses mesmos países passe a haver uma maior vontade política no sentido da adesão à UEM.

É também graças à moeda única europeia que durante o período de desvalorização constante do dólar entre 2003 e 2008 que se evitou adicionar a uma situação já por si delicada, de perda de competitividade internacional das economias europeias, um período de instabilidade

cambial dentro do espaço europeu.

No último ano e meio o Banco Central Europeu (ECB), pilar da política monetária europeia, também assumiu funções importantes de gestão do cenário de crise ao injectar liquidez nos mercados financeiros e monetário (serviu muitas vezes de “lender of last liquidity”), ao servir de mediador entre os vários governos e através da sua política monetária. As acções concertadas do BCE e outros bancos centrais mundiais no sentido de redução de taxas de juro contribuíram não só para uma estabilização dos mercados mas também para que o Banco Central Europeu se afirmasse como O Banco Central da zona Euro.

Há não muitos anos atrás, vários observadores identificaram erros de construção na união monetária europeia, tendo profetizado o seu fim prematuro. Esta visão contrasta, no entanto, com a percepção que, até agora, a UEM tem conseguido enfrentar com sucesso a crise financeira global.